

DISCUTINDO DIVERSIDADE E DIFERENÇAS DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR¹

Educação

Coordenador da atividade: Iury de Almeida ACCORDI²

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Autora: Andréia AMBRÓSIO-ACCORDI³

Resumo

Refletindo sobre a necessidade de sensibilizar discentes do Ensino Médio sobre a importância de uma convivência harmoniosa entre as diferentes manifestações de gênero, pensou-se em uma atividade de extensão interdisciplinar em que discentes de cursos e escolas diferentes pudessem compartilhar experiências sobre a temática *queer*, que explora um novo enfoque sobre os processos sociais que constituem a modernidade. Realizou-se uma intervenção extensionista, possibilitando o compartilhamento de experiências a respeito do assunto por meio de quatro oficinas interdisciplinares. Essa vivência possibilitou que os participantes refletissem tanto em relação à aceitação dos outros como diferentes, como também a si mesmos com suas contradições e peculiaridades. Considerando-se que não há como isolar a escola do seu entorno social e que situações que ocorrem nela têm relação com o que está fora dela, a escola se torna um lugar privilegiado para reflexão e debate de temas ligados ao gênero.

Palavra-chave: Educação Básica; relações de gênero; interdisciplinaridade.

Introdução

Numa perspectiva histórica, a educação foi durante muito tempo, conforme Miskolci (2017, p. 41) um “local de normalização”. Essa normalização apoia um processo educativo heterossexista, onde um currículo oculto está comprometido com a imposição de uma heterossexualidade compulsória e que gera uma “recusa violenta de formas de expressão de gênero ou sexualidade em desacordo com o padrão” (MISKOLCI, 2017, p. 35).

¹ Trabalho executado com recursos do Edital IFSC PROEX 21/2018 - Apoio à curricularização da extensão.

² Iury de Almeida Accordi, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológica, Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica.

³ Andréia Ambrósio-Accordi, Discente da Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica.

Refletindo sobre a necessidade de sensibilizar discentes do Ensino Médio contra essa normalização da heterossexualidade e sobre a importância de uma convivência harmoniosa entre as diferentes manifestações de gênero, pensou-se em uma atividade de extensão interdisciplinar em que discentes de cursos e escolas diferentes pudessem compartilhar experiências sobre a temática *queer*, que explora um novo enfoque sobre os processos sociais que constituem a modernidade ao reunir a perspectiva histórica proveniente do marxismo, as contribuições do movimento feminista e dos estudos de gênero (LARA-NETO, 2007).

Para se compreender a proposta *queer* e como ela pode contribuir para a o respeito às diferenças de gênero no ambiente escolar, torna-se necessário distinguir entre “diferença” e “diversidade”, onde a diversidade serve a “uma concepção horizontal de relações sociais que tem como objetivo evitar a divergência e, sobretudo, o conflito” e lidar com as diferenças “impõe encarar as relações sociais em suas assimetrias e hierarquias, reconhecendo que a divergência é fundamental em um contexto democrático” (MISKOLCI, 2017, p. 54).

Metodologia

O Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) é uma instituição de ensino básico, técnico e tecnológico, que atua por meio de uma rede formada por 22 câmpus espalhados pelo estado de Santa Catarina. Os discentes dos turnos matutino e vespertino do câmpus Joinville do IFSC e os discentes do curso técnico concomitante em Dança da Escola Estadual de Educação Básica Germano Timm de Joinville foram o público-alvo da intervenção (que também estava aberta para todos os que quisessem participar).

A intervenção extensionista denominada “Lidando com as diferenças de gênero no ambiente escolar” foi ministrada ao longo da manhã e da tarde do dia 11 de setembro de 2018 na forma de oficinas com a duração de 30 minutos cada. Essa atividade fez parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas realizada pela autora no câmpus Caçador do IFSC.

As oficinas foram ministradas pela autora e por discentes do curso técnico concomitante em Dança da Escola Estadual de Educação Básica Germano Timm de Joinville, juntamente com o professor Jessé da Cruz, coordenador do curso.

A programação da manhã foi a mesma da tarde, envolvendo, porém, públicos diferentes. Na parte da manhã, participaram 15 discentes dos cursos técnicos integrados, variando em idades de 15 a 18 anos. Pela tarde, além de 15 discentes dos mesmos cursos

técnicos integrados (porém de outras turmas), participaram também quatro discentes do curso de tecnólogo em Gestão Hospitalar, cujas idades variavam entre 20 e 50 anos, além de uma docente da área de Eletroeletrônica.

- Oficina 1: estética corporal. Realizamos uma breve exposição sobre o uso amplo do termo *queer*, que não se refere somente à sexualidade, mas sim a tudo o que pode causar um “estranhamento”, um desvio aos padrões considerados “normais”. Explicou-se que qualquer pessoa que foge do padrão normalizador da sociedade é rotulado e passa a ser tratada como “anormal”.

Dividimos a turma em pequenos grupos, cada qual com a incumbência de escolher um de seus membros e rotulá-lo com etiquetas que identificassem em seu corpo características consideradas anormais e que pudessem causar “estranheza” (dentro de um contexto *queer*) aos padrões tidos como normais.

O objetivo era produzir um corpo estereotipado, com rótulos baseados em desvios dos padrões buscados pela sociedade para um corpo ou um comportamento tido como “perfeito” e desencadear no grande grupo uma discussão a respeito do poder que os estereótipos têm de influenciar nas vidas uns dos outros e também estimular uma postura de respeito às diferenças de cada indivíduo.

- Oficina 2: corpo e espaço. Todos os participantes reunidos em um grande grupo deveriam se deslocar aleatoriamente. Enquanto se deslocavam, havia um mediador que emitia vozes de comando que deveriam ser obedecidas por todos. As vozes de comando eram tais como “caminhar”, “correr sem se tocar”, “correr olhando para todos”, “abraçar em duplas, em trios, “abraçar de uma forma diferente”.

O objetivo da vivência era atentar que existem outras pessoas por perto e que elas são diferentes; perceber que quando se ocupa um espaço, esse espaço também é ocupado por outros e que o espaço não pertence somente a si.

- Oficina 3: diversidade no plural. Explicamos para todos os participantes que existem várias “diversidades”, como a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, a diversidade religiosa, entre outras. Também foi enfatizado que uma não deve ter preponderância sobre outras e que todas devem ser igualmente respeitadas.

Em seguida, dividimos a turma em grupos de aproximadamente seis pessoas. Cada grupo se isolou em um local sem contato com os outros para produzir uma cena que simulasse uma situação de desconforto (por exemplo Bullying, assédio ou constrangimento) relacionada a uma das diversidades comentadas. Essa cena deveria ser fotografada para ser exposta ao grande grupo.

Por fim, cada pequeno grupo expôs sua foto ao grande grupo, para que eles interpretassem a cena e tentassem entender o contexto e a causa da situação de desconforto. Cada grupo explicou a causa do desconforto e como aquele tipo de situação poderia ter sido evitada em um contexto de respeito às diversidades.

- Oficina 4: ocupação de direitos. Objetivou-se proporcionar a cada um dos participantes expor suas ideias a respeito do seu direito de expressão ou ser o que é, dentro de uma convivência respeitosa: sem rótulos, sem normalizações e, principalmente, com respeito às diferenças.

A cada grupo foi fornecido material para a produção de cartazes (canetinhas, canetões, cartolinas, lápis de cor, giz de cera), que deveriam expressar uma avaliação sobre a atividade realizada e também manifestar o que o grupo sentia em relação ao respeito às diferenças relacionadas ao gênero

Desenvolvimento e processos avaliativos

Deve-se levar em conta a possibilidade de que uma considerável parcela dos discentes do ensino médio que participaram da atividade tivessem um conhecimento muito elementar sobre questões de gênero. Muitas vezes esse conhecimento também se encontra evidado pelo senso comum, que é dirigido pela heteronormatividade.

Nesse sentido, discentes questionados por Nunes (2010), por exemplo, evidenciaram essa situação. Porém, os mesmos discentes também relataram uma situação de um entendimento mais criterioso e crítico, após participarem de uma prática social envolvendo a temática de gênero a partir de problematizações sobre violência doméstica, sexismo e desigualdades de gênero (Nunes, 2010).

De modo similar, as oficinas aqui descritas também produziram o efeito de provocar reflexões em seus participantes a respeito das diferenças entre cada sujeito e, principalmente, o respeito que todos devem ter em relação a essas diferenças. Objetivamos, por exemplo, através da oficina de Estética Corporal enfrentar a heteronormatividade, para que o discurso de valorização das diferenças não conviva com a existência dessa norma.

Os grupos produziram rótulos envolvendo marcas de diferença com conotações étnico-raciais, como “cabelo bombril”; sexistas, como “você pensa além de ser bonita?”; estética, como “fofinha”; cultural, como “burrinha” e heteronormativas, como “alegre”.

Procuramos, dessa forma, desconstruir situações paradoxais como as vivenciadas por Seffner (2013) ao afirmar que “os ‘normais’ não precisam falar, e poucos se preocupam em problematizar a norma de gênero, a heteronormatividade”. Trata-se de vivenciar na

prática, através dos rótulos que todos e todas, por mais “normais” que pareçam ser, sempre acabam agregando às suas identidades. É o que Caetano Veloso expressa em sua música Vaca profana: “de perto ninguém é normal”⁴.

A oficina Diversidade no Plural objetivou expor as várias “diversidades”, enfatizado que uma não deve preponderar sobre outras e que todas devem ser igualmente respeitadas. Alguns grupos expuseram situações envolvendo *bullying* e comportamentos sexistas tanto por parte de docentes como por parte de discentes e evidenciaram a necessidade de que a escola mantenha regras nas quais todos os seus frequentadores se mantenham dentro de padrões de conduta respeitosos uns com os outros.

Concordamos, dessa forma, com Seffner (2011), no sentido de que a escola deve, efetivamente, reger questões ligadas a gênero e sexualidade, mesmo enfrentando uma possível pecha de conservadora, validando, dessa forma, sua vocação de instituição pública que visa à formação científica e à sociabilidade em regime de igualdade.

A oficina de “Ocupação de Direitos” teve o objetivo de proporcionar a cada um dos participantes expor suas ideias a respeito do seu direito de se expressar ou ser o que é, dentro de uma convivência respeitosa, sem rótulos, sem normalizações e, principalmente, com respeito às diferenças. Algumas das frases produzidas pelos grupos em seus cartazes refletiram isso: “tudo começa pelo respeito”; “que lente você usa para me enxergar?”; “Inteligência é não julgar o próximo”; “você define sua identidade”; “a vida é muito mais que um corpo”; “não me chame de gostosa, me chame de incrível”; “o corpo ideal é o seu”.

Com efeito, para Jesus, Ramires, Unbehaum e Cavasin (2008), a escola deve exercer um papel fundamental tanto na desconstrução de mitos e preconceitos, como na promoção de valores democráticos de respeito ao outro. Conforme afirmam Scott, Lewis e Quadros (2009, p. 14) o campo da educação e o espaço da escola fazem parte do debate entre diversidade e diferença como instâncias fundamentais tanto de reprodução quanto de mudança sociocultural, contendo, dessa forma, expressões de preconceitos e discriminação, ao mesmo tempo em que pode ser terreno fértil para a construção de respeito e igualdade.

Considerações Finais

Toda a intervenção foi desenvolvida abordando a temática *queer* de lidar com a diferença no ambiente escolar, mas os autores estão cientes de que, conforme frisam Picchetti e Seffner (2017), “não há muros capazes de isolar a escola pública brasileira do

4 Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44789/>. Acesso em: 8 mar. 2019.

seu entorno social, e semelhante situação inclusive não é desejável, pois a escola (...) se ocupa da alfabetização científica, mas também da formação do cidadão”.

Neste sentido, Estacheski (2016) é enfática quanto à necessidade de se debater gênero na escola. Para ela:

Os estudos de gênero proporcionam uma percepção digna de toda pessoa (...), não destrói o ser humano, humaniza as relações. Não destrói a família, valoriza e respeita a diversidade de constituições familiares, não destrói a fé, compreende o direito de toda pessoa de viver suas crenças, sejam quais forem (p. 98).

Dito isso, acreditamos que o objetivo de fazer com que todos os que participaram das oficinas refletissem sobre a importância de uma convivência respeitosa entre as diferentes manifestações de gênero no ambiente escolar (e quiçá fora dele) foi cumprido. Unimo-nos a Couto Júnior (2016) na defesa da importância de se trabalhar as questões discutidas ao longo deste artigo tanto no Ensino Básico quanto nos cursos de formação de professores, buscando colocar em xeque a normatização e naturalização da heterossexualidade na produção das diversas marcas da abjeção.

Referências

DO COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Gênero, sexualidade e a teoria queer na educação: colocando em questão a heteronormatividade. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 11, n. 1, p. 250-270, 2016.

BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton. **GÊNERO, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: Reconhecendo diferenças para superar [pré] conceitos**. André Bueno, 2016.

DE JESUS, Beto et al. **Diversidade Sexual na Escola Uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. 2006.

LARA NETO, O. A. A teoria queer e as sexualidades no contexto brasileiro: desafios teórico-metodológicos. **Encontro Anual da ANPOCS**, v. 31, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica, 2017.

Nunes, J. R. Discutindo gênero na escola: por uma abordagem científica e interdisciplinar. In: C. Rial, J. M. Pedro, S. M. F. Arend (Eds.). **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.

DE PAULA PICCHETTI, Yara; SEFFNER, Fernando. Em gênero e sexualidade aprende-se pela repetição com diferença: cenas escolares. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 52, p. 717-737, 2017.

SCOTT, Parry; LEWIS, Liana. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. Editora Universitária UFPE, 2009.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, p. 561-572, 2011.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 145-159, 2013.